

Sociedade

SER POLÍCIA É CADA VEZ MAIS 'UM PROBLEMA'

Pedro Almeida

pedro.almeida@sol.pt

Falta de candidatos nos cursos de ingresso na profissão tem motivado críticas das forças sindicais. Baixos salários e falta de condições são mencionados como entraves para os jovens.

Baixos valores de salário mensal, horários difíceis de gerir, falta de condições em tempos de covid-19 e o risco com o qual os polícias têm de lidar diariamente são alguns dos fatores que podem ter levado os jovens a afastar-se da profissão. Este ano, as mil vagas para o 16.º Curso de Formação de Agentes (CFA) não foram totalmente preenchidas, tendo sido aprovados apenas 793 candidatos, e a preocupação em torno destes números tem vindo a aumentar. Para as associações sindicais da Polícia de Segurança Pública (PSP), é a primeira vez que há menos candidatos a polícias do que vagas de ingresso. E a direção nacional da PSP já se mostrou preocupada com a situação, considerando que a falta de candidatos para agentes pode indicar «falta de atratividade da função policial». Existem, porém, outros fatores que podem ter influência nas escolhas profissionais dos jovens. Álvaro Marçal, antigo dirigente sindical da PSP com pelouro social, sublinhou ao SOL que a Polícia deveria ser uma instituição pela qual os jovens se sentissem atraídos, mas alerta que isso não acontece por não serem devidamente recompensados.

«Eles não sentem retribuição pelo trabalho que têm noção que vão ter de fazer. A sociedade portuguesa tem hoje recursos muito mais qualificados do que tinha há 40 anos, quando eu fui para a Polícia. Mas naturalmente que a PSP também devia ter feito o seu caminho de atualizar a sua verba salarial, porque é disso que falamos. Falamos do vencimento, daquilo

que levamos para casa ao fim do mês de trabalho. A trabalhar sábados, domingos e feriados, com um sistema de horários que é violento», começou por salientar. «Não é com este tipo de ordenado e com estes horários que vamos atrair os nossos jovens qualificados», atirou.

De acordo com as forças sindicais, um polícia recebe um ordenado médio mensal de 789 euros. Mas Carlos Encarnação, antigo secretário de Estado da Administração Interna, vai mais longe, admitindo que tudo aquilo que tem sido tornado público também pode fazer os jovens reacear.

«O nível de remuneração poderá ser um fator. Mas ninguém se pode rir. Os médicos também têm um ordenado baixíssimo. Há uma certa equivalência de situações nesse sentido. Além disso, tem havido uma quantidade enorme de insatisfações expressas através de opiniões sobre o sistema e que movem os jovens no sentido de se afastarem», reconheceu, abordando ainda a questão do terrorismo. «As condições para o exercício da profissão no estrito respeito pela legalidade têm

um conjunto de limitações enormes e eles entendem que há uma desproporção entre o rigor da lei e as consequências do exercício da sua profissão. A questão das agressões também pesa», revelou ao SOL. E o sociólogo Elísio Estanque acrescentou: «O terrorismo é um fator. A mobilização e a requisição civil, que muitas vezes exigem um controlo policial muito apertado, são questões de risco. E os polícias são um corpo de segurança do Estado e têm de ser devidamente recompensados. O Governo deverá ter de repensar várias coisas».

A culpa é da covid-19?

Apesar de os polícias terem riscos e trabalho redobrados em tempos de pandemia – a profissão é considerada uma das que estão na linha da frente –, há quem diga que esta crise sanitária não tem influência na falta de candidatos aos cursos de ingresso. Carlos Encarnação diz mesmo que «se fosse da pandemia, acontecia o mesmo com os médicos». E, para Álvaro Marçal, a pandemia até pode ser um fator de motivação. «Não acho que seja por causa da covid-19. Ao ver este trabalho da polícia nesta altura, acho que os jovens até ficam com uma visão de que a profissão até está na linha da frente e isso serve de incentivo», adiantou.

Elísio Estanque, por seu turno, considera que o vírus pode travar o ímpeto de querer ser polícia. «A polícia não tem hipótese de ficar em teletrabalho, salvo exceções, por isso tem de se expor mais e de ficar em contacto com todo o tipo de comunidades e grupos. Muitas vezes, em setores sociais, a consciência da proteção não existe», explicou, reforçando que Portugal atravessa uma fase em



PSP mostrou-se preocupada com a falta de candidatos

que acontece «tanta coisa complicada e tanto conflito». «Haver concursos com uma procura tão baixa é mesmo sinal de que a juventude está com medo», concluiu.

Deslocações e falta de alojamento são problema

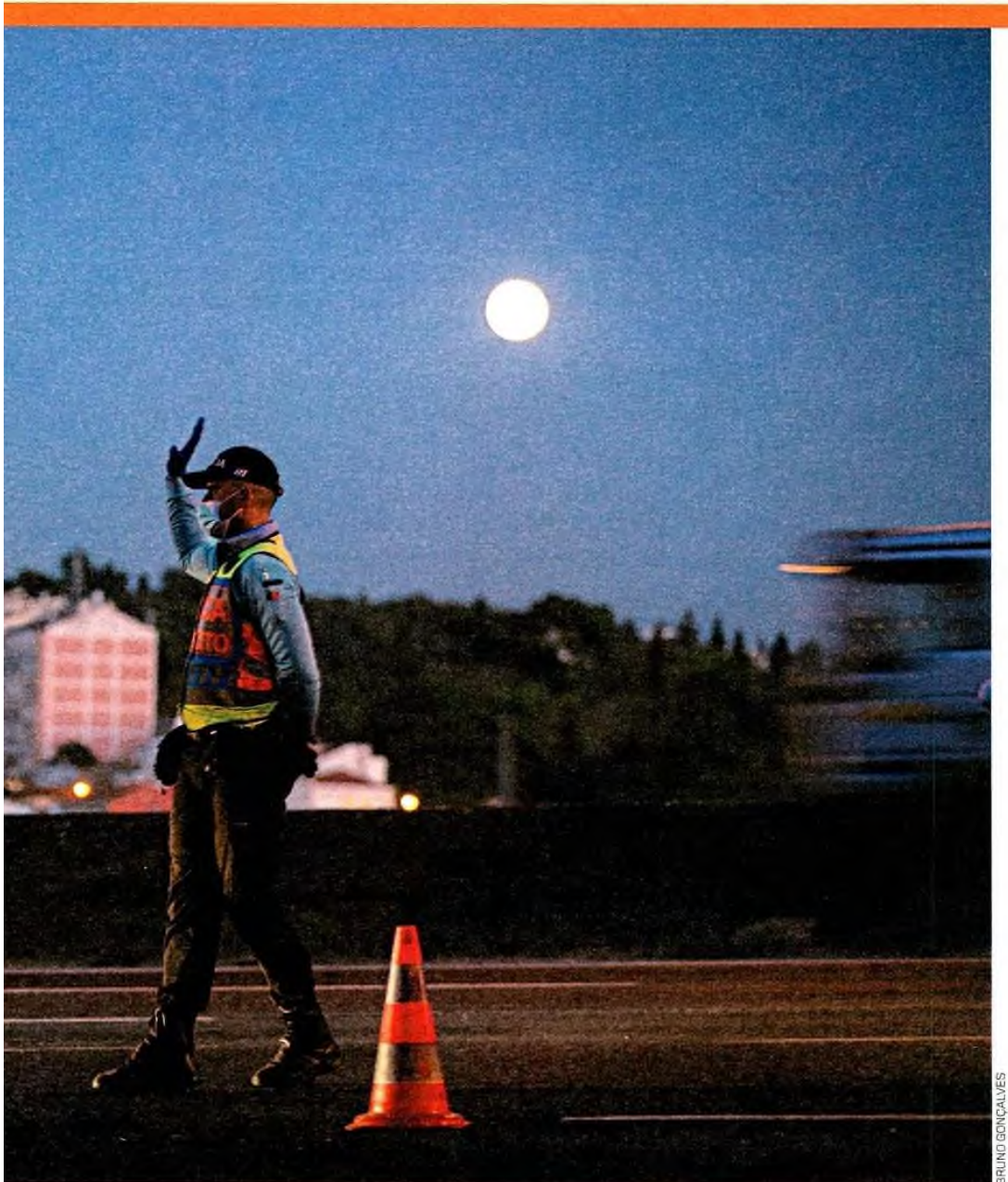
Há vários anos que os polícias sentem dificuldade em ficar colocados nas zonas que desejam, perto da família. E, ao que parece, esse problema continua. Carlos Encarnação admitiu mesmo que essa é uma das principais dificuldades dos profissionais desta área.

«Isto já vem do meu tempo. Era difícil encontrar alojamento para os polícias, trazer a família com eles. O polícia só conseguia ser colocado onde verdadeiramente queria uma

quantidade de anos depois. Era um problema muito sério e continua a ser», sublinhou. E, ao SOL, o presidente da Organização Sindical dos Polícias (OSP) da PSP, Pedro Carmo, assume que esta falta de cuidado coloca uma barreira a quem quer ser polícia.

«Com estas condições, quem quer sujeitar-se a isso? É um problema. Mais vale ir trabalhar para um supermercado. A maior parte dos candidatos não é de Lisboa. Quando acabam o curso, ficam quase todos em Lisboa. Depois começam a pensar que vão sair da terra deles para ir para Lisboa. Para quê? Para sofrer isto? Se calhar começam a pensar que o melhor é arranjar trabalho na terra deles. Uma viagem de Lisboa para Braga, por exemplo, para ver a fami-

Em mil vagas houve apenas 793 candidatos aprovados no Curso de Formação de Agentes



BRUNO GONÇALVES

lia, não compensa, porque o salário é baixo. E depois têm de vir para a capital, pagar uma casa, que é um balúrdio», atirou.

Nesse sentido, os serviços sociais da PSP têm um largo património imobiliário para ajudar os polícias, através de rendas mais baratas, entre outros apoios. E o SOL sabe que o Montepio da PSP de Lisboa – associação de características mutualistas fundada em 1927 – desenvolve também uma larga ação social no apoio aos polícias e às suas famílias, com o aluguer de habitações a custos de mercado mais baixos, na área de Lisboa e em Cascais.

Este património, constituído por apartamentos, é alugado às famílias através de preços sociais e controlados. Atualmente são quase 500 inquilinos que es-

tão a ser auxiliados por este apoio. A redução de rendimentos e o ordenado dos polícias são fatores que os levam a procurar este tipo de ajuda.

Viagens gratuitas que acabaram

Outro dos apoios aos polícias nas deslocações foi retirado há pouco mais de cinco anos. Antes, os polícias fardados não pagavam para usar os transportes públicos. Agora, porém, é diferente. E esta ajuda pode também pesar na balança dos mais jovens. Álvaro Marçal lembrou essa altura em que o passe lhe era entregue de forma gratuita.

«Até há muito poucos anos, o passe era cedido pela Polícia. Até há meia dúzia de anos, a Polícia cedia-me a senha. Aca-

bou esse benefício também e tudo isto agrava estas situações todas. Durante grande parte da minha vida profissional, quase 40 anos, o passe era entregue gratuitamente», revelou.

E é esta uma das ajudas de que os polícias dizem precisar. Mas há outras. Em tempos de covid-19, as associações sindicais da PSP lamentam o facto de não terem direito ao subsídio de risco que os profissionais de saúde recebem, uma vez que consideram estar também na linha da frente no combate à pandemia, à semelhança do que acontece com aqueles. **«É certo que os médicos e os enfermeiros merecem, mas nós também estamos mais expostos ao risco»,** alertou o vice-presidente da OSP/PSP, Jorge Rufino.